



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

Faculdade de Tecnologia de Garça Dep. Júlio Julinho Marcondes Moura

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO EMPRESARIAL

ESTUDO BIBLIOGRÁFICO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO BRICS+

AMANDA BAIA PEIXOTO¹

NAIARA REGINA DOS SANTOS¹

LUANA MAIA WOIDA²

Resumo

O BRICS+, que se expandiu recentemente para incluir Argentina, Egito, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, agora representa mais de 40% da população mundial e cerca de 25% do PIB global. O bloco busca maior autonomia e uma governança internacional multipolar. A criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), presidido pela brasileira Dilma Rousseff, visa financiar projetos sustentáveis e reduzir a dependência do dólar e de instituições como o FMI. Essa estratégia de "desdolarização" fortalece a soberania econômica dos países membros. No entanto, especialistas apontam desafios significativos, como a diversidade econômica entre os integrantes, que dificulta a adoção de uma moeda comum. A Rússia defende investimentos em infraestrutura de transporte para facilitar o comércio intra-bloco. Além disso, o BRICS+ investe em educação e inovação por meio da BRICS-NU, uma rede de universidades criada em 2015 e ampliada em 2024 para promover cooperação acadêmica e científica. A escolha deste tema foi fundamentada na necessidade de expor academicamente a importância do BRICS+ dentro do cenário global, com o objetivo de destacar suas características e a cooperação entre os membros. Os resultados dessa pesquisa foram significativos, evidenciando que o BRICS+ se consolida como uma alternativa à ordem econômica tradicional, promovendo integração, desenvolvimento sustentável e uma estrutura global mais justa e equilibrada.

Palavras-chave: *BRICS+; desdolarização; cooperação; integração; desenvolvimento.*

Bibliographic Study on the Cooperation and Development Strategies of BRICS+

¹ Discente do curso de Gestão Empresarial da Fatec-Garça.

² Docente do curso de Gestão Empresarial da Fatec-Garça.

Abstract

BRICS+, which has expanded to include Argentina, Egypt, Ethiopia, Iran, Saudi Arabia, and the United Arab Emirates, now represents over 40% of the world's population and about 25% of global GDP. The bloc seeks greater autonomy and a multipolar international governance. The creation of the New Development Bank (NDB), chaired by Dilma Rousseff, aims to finance sustainable projects and reduce dependence on the dollar and institutions like the IMF. This "de-dollarization" strategy strengthens the economic sovereignty of its member countries. However, experts point out significant challenges, such as the economic diversity among members, which hampers the adoption of a common currency. Russia advocates for investments in transportation infrastructure to facilitate intra-bloc trade. Additionally, BRICS+ invests in education and innovation through BRICS-NU, a network of universities created in 2015 and expanded in 2024 to promote academic and scientific cooperation. The choice of this theme was based on the need to academically expose the importance of BRICS+ within the global scenario, with the aim of highlighting its characteristics and cooperation among members. The results of this research were significant, demonstrating that BRICS+ is consolidating as an alternative to the traditional economic order, promoting integration, sustainable development, and a fairer and more balanced global structure.

Versão do resumo para a língua inglesa.

Keywords: *BRICS+; de-dollarization; cooperation; integration; development;*

1 INTRODUÇÃO

O BRICS+, uma ampliação do grupo original formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, reúne atualmente um conjunto ainda mais diversos de países emergentes com economias em desenvolvimento que exercem influência crescente no cenário global. “Com a entrada de novos membros — como Argentina, Egito, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos — o bloco passou a representar uma parcela ainda mais significativa da população mundial, dos recursos naturais e da produção econômica global. Juntos, os países do BRICS+ somam mais de 40% da população do planeta e cerca de 25% do PIB mundial, consolidando-se como uma alternativa relevante à ordem econômica tradicional” (THE WORLD BANK, 2017).

O BRICS representa o maior conjunto de economias de renda média e, juntos, esses países correspondem a mais de um quinto da economia global. Isso evidencia uma diminuição da dependência em relação às economias ocidentais, especialmente aos Estados Unidos (THE WORLD BANK. In 2017, sem paginação).

Essa reconfiguração geoeconômica reflete não apenas uma busca por maior autonomia, mas também um esforço coletivo por uma governança internacional multipolar e equilibrada.

Além da ideia inicial, os membros do BRICS+ perceberam a necessidade premente de diversificar suas opções de moeda, uma vez que o dólar americano já não se mostrava viável para todos os países do bloco. Diante desse cenário, decidiram criar o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), uma instituição financeira com o objetivo de promover o financiamento de projetos sustentáveis e de infraestrutura nos países emergentes. Atualmente, em 2025, esse banco é presidido por uma representante do governo brasileiro, a ex-presidenta Dilma Rousseff.

Esse banco foi concebido não apenas como uma alternativa ao sistema financeiro tradicional, mas também como uma estratégia para mitigar a dependência do dólar. A criação do NDB visou garantir um fluxo contínuo de recursos, especialmente em situações em que o Fundo Monetário Internacional (FMI) pudesse recusar ou hesitar em oferecer suporte financeiro devido a influências políticas, particularmente dos países ocidentais europeus, Canadá e Estados Unidos.

Vale ressaltar que, após a Segunda Guerra Mundial, os países membros do BRICS ficaram sujeitos a uma série de restrições de natureza internacional. Assim, a URSS e a China foram excluídas do sistema capitalista global, o que levou à perda total de vínculos com organizações internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT). (Iordanova, 2023, p. 3).

Com o tempo, especialmente a partir da abertura econômica da China na década de 1970, esses países começaram a buscar novas formas de integração e cooperação no cenário internacional.

Do mesmo modo, a desdolarização das economias do BRICS é um passo crucial para fortalecer a soberania econômica dos países que compõem o bloco. Com a implementação do NDB, essas nações buscam estabelecer um sistema financeiro mais equitativo e resiliente, promovendo transações em moedas locais e criando um ambiente propício para o comércio entre os membros do BRICS sem a intermediação do dólar.

Essa iniciativa não apenas reforça a cooperação entre os países emergentes, mas também representa uma resposta direta às dinâmicas globais que perpetuam a hegemonia do dólar no comércio internacional. Assim, o NDB se configura como um pilar fundamental na busca por uma ordem econômica mundial mais multipolar e justa.

Apesar da boa ideia, Gavrilenko (2024) diz que, “ao analisar os BRICS de uma perspectiva ambiciosa, como faz o Brasil, a proposta de adotar uma moeda única que não seja o dólar ou o euro levanta questões importantes”. É fundamental considerar que, à medida que mais países de baixa renda e com sistemas financeiros subdesenvolvidos se juntam ao grupo, as chances de alcançar esse objetivo se tornam menores. Isso ocorre porque a heterogeneidade econômica e financeira desses países pode dificultar a implementação de uma moeda comum e a coordenação necessária para sua viabilidade.

Além da criação do banco para garantir o seu desenvolvimento, a Rússia cita a necessidade de uma logística adequada e de implementação de transporte, de modo que facilitasse o comércio e a movimentação de bens entre os países membros. Como observado por Gavrilenko (2024), “com o aumento da capacidade de transporte, haverá um impulso significativo nas trocas comerciais e na integração econômica da região, contribuindo para o crescimento sustentável e a cooperação mútua”.

O grupo, além de suas iniciativas já estabelecidas, dedicou-se a implementar universidades em seus países parceiros, com o objetivo de promover a educação superior e fomentar o desenvolvimento social e econômico. Essa ação visa não apenas a criação de instituições de ensino, mas também a formação de profissionais qualificados que possam atender às demandas locais. Ao integrar currículos adaptados às realidades culturais e econômicas de cada região, o grupo busca fortalecer laços entre as nações, incentivando a troca de conhecimentos e experiências. Dessa forma, espera-se cultivar um ambiente acadêmico vibrante que contribua para a inovação e o progresso sustentável em toda a comunidade.

Criada em 2015, a BRICS-NU inicialmente contemplava seis ITGs: Ciência da Computação e Segurança da Informação; Estudos do BRICS; Energia; Ecologia e Mudança do Clima; Recursos Hídricos e Controle da Poluição; e Economia. Desde o ano passado, a rede passou a contar grupos para os seguintes temas: Ciências da Saúde; Matemática; Ciências Naturais; Ciências Sociais e Humanidades; e Agricultura Sustentável e Segurança Alimentar (BRICS, 2025, sem paginação).

Com isso, pode-se concluir que o BRICS, além de manter sua ideia inicial de cooperação e desenvolvimento entre os países membros, tem se empenhado em buscar novas melhorias e inovações que beneficiem suas economias e sociedades. Através de iniciativas estratégicas, o

grupo visa fortalecer a integração econômica, promover a troca de conhecimentos e experiências, e fomentar a inovação tecnológica. Além disso, o BRICS prioriza a organização interna e a construção de um ambiente de diálogo construtivo, sempre com o objetivo de garantir a paz e a estabilidade entre seus membros. Ao adotar uma abordagem colaborativa, o BRICS não apenas reforça sua relevância no cenário global, mas também se posiciona como uma força vital na busca por um mundo mais justo e equilibrado, sobretudo, mostra iniciativas de elaboração de estratégias e práticas para superar condições de fragilidade econômica e buscar melhorias para a população.

Considerando o exposto na introdução, os problemas de pesquisa propostos se dividem entre principal e secundário. Assim, no primeiro, assume-se como questionamento: Quais são as estratégias de cooperação e desenvolvimento do BRICS?

No que diz respeito aos problemas secundários: o que é BRICS+? Quais as características desse bloco econômico? Trata-se especificamente de um bloco econômico ou existe a tentativa de integração social e cultural entre os países membros? Como uma integração social e cultural afetaria (estimularia) o comércio entre os países membros? Quais moedas são usadas nessa troca? Como ocorrem as relações comerciais entre os países membros? Como os demais países do mundo estão reagindo ao BRICS+ ao longo do tempo? Que efeitos econômicos para os países membros podem ser resultados do bloco? Quais as barreiras e desafios para o funcionamento do BRICS+ ao longo do tempo?

Tais problemas de pesquisa trazem respostas tanto no decorrer do desenvolvimento do trabalho, em especial em seu quadro teórico, como também em sua conclusão após a análise de alguns pontos relevantes identificados na literatura.

O presente artigo tem como objetivo geral investigar e analisar as estratégias de cooperação e desenvolvimento do BRICS, destacando não apenas o impacto econômico no comércio global, mas também as características distintivas das relações comerciais entre seus membros. A pesquisa busca evidenciar como o BRICS mantém sua ideia inicial de colaboração, ao mesmo tempo em que se adapta às dinâmicas atuais do cenário internacional. Além disso, o estudo examina as iniciativas implementadas para promover melhorias contínuas que favoreçam a integração econômica, a troca de conhecimentos e a construção de um ambiente de paz e estabilidade entre os países integrantes. Ao abordar essas questões, o artigo pretende contribuir para uma compreensão mais profunda do papel do BRICS na formação de um ambiente global mais equilibrado e sustentável, onde a cooperação mútua e o desenvolvimento inclusivo são fundamentais para enfrentar os desafios contemporâneos.

Baseado em estudos recentes, pode-se afirmar que os blocos econômicos têm se tornado cada vez mais relevantes no cenário global. Sua representatividade é evidente na capacidade de promover a diversificação de parcerias econômicas e na criação de um ambiente favorável ao desenvolvimento de projetos conjuntos entre os países membros. Além disso, esses blocos facilitam o intercâmbio comercial, o investimento em infraestrutura e a cooperação em áreas estratégicas, como tecnologia e inovação. Através da integração econômica, os países podem fortalecer suas economias locais, aumentar sua competitividade no mercado internacional e impulsionar o crescimento sustentável. Assim, a formação de blocos econômicos não apenas beneficia os membros envolvidos, mas também contribui para a estabilidade e o desenvolvimento econômico global. “Até o momento, sabe-se que vinte e três estados apresentaram solicitações para se juntar ao BRICS+”. (Gavrilenko, 2024, p.17).

Gavrilenko (2024) também menciona que, diante da insatisfação com práticas neocoloniais e da busca por uma ordem internacional mais equilibrada, muitos países têm se voltado ao BRICS como uma alternativa para fortalecer a construção de um mundo multipolar — o que explica o aumento contínuo de interessados em integrar o bloco.

Diante disso, Stuenkel (2017) também afirma que, a relevância dos BRICS na economia global, evidencia que esses países representam 43,3% da população mundial e um quarto do território da Terra. Além disso, eles foram responsáveis por 27,8% do crescimento do PIB mundial em termos nominais e 36,6% em Paridade de Poder de Compra (PPC) na primeira década do século XXI. Essa ascensão dos BRICS+ indica uma mudança nas dinâmicas de poder econômico, sugerindo uma transição para uma ordem multipolar, onde nações emergentes desempenham papéis cada vez mais significativos.

Manter a ideia central de um bloco econômico implica reconhecer que uma das maiores preocupações do grupo é a ocorrência de conflitos entre os Estados membros. Esses conflitos não apenas prejudicam a harmonia entre as nações, mas também comprometem o desenvolvimento econômico e social. “As pessoas devem viver em paz, elas merecem. É inaceitável que os orçamentos militares tenham atingido proporções enormes, quando, segundo a ONU, muitas pessoas sofrem de fome” (Gavrilenko, 2024, p. 18). Em resposta a essa realidade, diversas iniciativas têm sido implementadas para mitigar práticas bélicas. A visão do bloco é clara: é inaceitável que grandes recursos sejam direcionados para guerras, especialmente quando há tantas civilizações ao redor do mundo enfrentando dificuldades extremas, como pobreza e falta de acesso a serviços básicos.

Utkin (2024) ressalta que, as prioridades dos países do BRICS incluem a luta contra a lavagem de dinheiro, a devolução de ativos obtidos de forma criminosa, o combate ao terrorismo e o fortalecimento da segurança da informação internacional. Essas questões refletem uma preocupação com a integridade financeira e a segurança global, além de demonstrar um compromisso em promover uma cooperação mais eficaz entre os membros do grupo para enfrentar desafios comuns.

Outro ponto crucial que tem sido amplamente discutido entre os países do BRICS é a possibilidade de uma moeda única de troca. Proposta pelo Brasil, a ideia de criar uma moeda própria visa facilitar as transações comerciais entre os membros do bloco e reduzir a dependência de moedas estrangeiras, especialmente em um contexto de incertezas econômicas globais. Embora esta proposta ainda esteja em fase de desenvolvimento e necessite de ajustes significativos antes de sua implementação, ela representa um passo importante em direção à maior integração econômica.

Ao considerar os BRICS de uma perspectiva altamente ambiciosa, como o Brasil faz, quando propõem mudar para uma moeda única que não seja o dólar ou o euro, é importante entender que quanto mais países de baixa renda e com sistemas financeiros pouco desenvolvidos fizerem parte do clube, menores serão as perspectivas de atingir tal objetivo (Gavrilenko, 2024, p. 22).

Pode-se inferir que isso ocorre devido a heterogeneidade econômica e financeira desses países, fazendo com que dificulte a implementação de uma moeda comum e a coordenação necessária para sua viabilidade.

Como parte das iniciativas para fortalecer essa cooperação, foi criado como uma alternativa o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), atualmente presidido por Dilma Rousseff. Este banco desempenha um papel fundamental ao fornecer financiamento para projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável nos países membros, além de apoiar acordos financeiros que visam a autonomia econômica do bloco. A criação do NDB é uma resposta direta à necessidade de reduzir a dependência das instituições financeiras tradicionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), permitindo que os países do BRICS tenham maior controle sobre seus próprios recursos e decisões financeiras.

Através dessas iniciativas, o BRICS não apenas procura fortalecer suas economias individuais, mas também visa promover um sistema financeiro mais equitativo e resiliente no cenário global. Nesse contexto, a Rússia tem se empenhado em estabelecer alianças estratégicas com outras nações, ampliando sua rede de cooperação e apoio mútuo. Essas parcerias não

apenas reforçam a posição da Rússia dentro do bloco, mas também contribuem para a construção de um ambiente econômico mais integrado e colaborativo.

Apontado por Utkin (2024), a principal força que atrai novos membros para o BRICS é sua ênfase em princípios morais, como igualdade e justiça na ordem mundial. Essa busca por uma representação mais justa nas relações internacionais ressoa com países marginalizados pelo sistema global atual, fazendo do BRICS um símbolo de um novo paradigma que visa corrigir desigualdades históricas e oferecer uma alternativa ao modelo ocidental predominante.

Além disso, muitos países vinculados à OTAN e ao G7 têm demonstrado um crescente interesse em integrar-se ao bloco do BRICS. Um exemplo claro desse movimento é a Turquia, que, como membro da OTAN, têm manifestado um forte desejo de se unir ao BRICS. Conforme mencionado por Utkin (2024), essa aspiração da Turquia reflete uma busca por diversificar suas alianças estratégicas e ampliar sua influência no cenário global. A adesão de países como a Turquia poderia não apenas enriquecer a dinâmica do BRICS, mas também sinalizar uma mudança significativa nas relações geopolíticas contemporâneas.

Utkin (2024) complementa que, a Turquia não pode ignorar o interesse por esse projeto, uma vez que os turcos reconhecem que estamos atravessando uma falha tectônica na ordem mundial, onde mudanças significativas estão em curso e moldaram o futuro por várias décadas. Isso evidencia que o BRICS está, gradualmente, transformando o panorama global de acordos e comercialização. À medida que o bloco avança, os países começam a demonstrar uma preocupação crescente em manter-se em grupos que não se adaptam às suas necessidades e interesses. Essa dinâmica ressalta a importância de buscar plataformas mais flexíveis e inovadoras, que reflitam as realidades econômicas contemporâneas e promovam uma colaboração mais eficaz entre as nações.

Quanto maior a parcela da população global representada pelo BRICS, melhor e mais promissor será para a humanidade. Nesse sentido, Bangladesh é um candidato promissor, pois é o oitavo país mais populoso do mundo, com mais de 170 milhões de pessoas (Gavrilenko, 2024, p. 23).

O trecho mencionado pelo autor sobre Bangladesh destaca claramente a crescente importância do grupo BRICS. Dado que o país é fortemente dependente da agricultura e ainda está distante de uma integração mais ampla na economia global, Bangladesh começa a perceber o bloco como uma solução potencial para transformar sua realidade atual. Além disso, a adesão de Bangladesh ao BRICS+ pode trazer benefícios significativos, especialmente considerando seu histórico de conquistas nas lutas femininas. Essa trajetória demonstra que uma liderança que transcende as influências de gênero pode resultar em avanços extraordinários, tanto para o país quanto para o bloco como um todo.

Tudo isso é mais um exemplo de que não pode haver um modelo de desenvolvimento único, ou ainda mais, insubstituível e único, que é o que os fundadores do BRICS decidiram inicialmente. Este clube, em todo caso, é uma alternativa ao desenvolvimento mundial que está sob o controle de instituições globais, mas os membros ainda precisam decidir sobre as prioridades restantes e, com base nessa decisão, construir um programa de expansão do clube (Gavrilenko, 2024, p. 23).

A partir dessa perspectiva, podemos concluir que essa abordagem permitirá ao BRICS avançar de maneira coesa, respeitando as particularidades de cada membro e, ao mesmo tempo, perseguindo objetivos comuns. Essa harmonia entre diversidade e unidade é fundamental para fortalecer a colaboração entre os países, possibilitando que cada nação contribua com suas singularidades para o êxito coletivo do bloco.

Apesar dos significativos avanços nos acordos entre os países membros, o bloco demonstra um firme compromisso em estabelecer parcerias comerciais robustas. Um exemplo notável disso é o crescente interesse da Rússia na energia nuclear da Argélia, que pode representar uma colaboração estratégica e mutuamente benéfica entre as nações. Gavrilenko (2024) afirma isso quando diz que, a Rússia tem apresentado propostas à Argélia em áreas como

energia nuclear e agricultura, o que demonstra um interesse em expandir a cooperação bilateral além do setor de energia tradicional. A energia nuclear, em particular, pode ser uma alternativa interessante para a Argélia, que busca diversificar suas fontes de energia e atender à crescente demanda interna.

Com isso, o autor Gavrilenko (2024) aponta que a Argélia se destaca como uma das principais candidatas à adesão ao grupo BRICS, conforme mencionado pelo Ministro das Relações Exteriores da Federação Russa, Sergei Lavrov. Ele ressaltou que mais de cinco Estados já apresentaram solicitações oficiais para integrar o grupo. Nesse contexto, os membros atuais do BRICS reconhecem a importância de estabelecer abordagens comuns para avaliar essas solicitações, incluindo critérios, parâmetros e condições para a admissão de novos integrantes. Essa iniciativa pode fortalecer ainda mais a cooperação entre os países em desenvolvimento e ampliar a influência do bloco no cenário global.

Apoiado nessa dinâmica positiva, podemos afirmar que o grupo está em plena expansão, com potencial para integrar um número ainda maior de países até o final do ano de 2025. Essa ampliação não apenas fortalecerá as relações comerciais e diplomáticas entre os membros, mas também proporcionará um ambiente propício para a troca de tecnologias e inovação. Assim, o futuro parece promissor, com novas oportunidades surgindo à medida que mais nações se juntam a essa aliança.

O estudo sobre o BRICS+ se faz essencial diante de sua crescente relevância no cenário geopolítico e econômico mundial. Atualmente, o bloco representa um dos principais polos de poder global, reunindo economias emergentes com expressiva influência regional e internacional. Com a ampliação recente (BRICS+), o grupo passou a incorporar novos membros estratégicos, consolidando-se como um dos blocos econômicos mais representativos do mundo. Juntos, os países do BRICS+ concentram cerca de metade da população mundial, o que significa aproximadamente 50% dos consumidores globais. Além disso, sua participação no PIB mundial, nos fluxos de investimento e nas reservas internacionais tem crescido continuamente, tornando o bloco uma alternativa concreta à hegemonia econômica tradicional liderada por países do G7.

Compreender os efeitos econômicos do BRICS+ é igualmente importante, especialmente para o Brasil. Como membro fundador do grupo, o país tem a oportunidade de se beneficiar de parcerias comerciais estratégicas, diversificando seus mercados de exportação e reduzindo sua dependência de economias tradicionais. O estudo desses efeitos permite avaliar de forma crítica como os acordos econômicos, as iniciativas de financiamento e os projetos multilaterais promovidos pelo bloco podem impactar o comércio exterior brasileiro, abrindo novas frentes de crescimento para setores como agronegócio, tecnologia, energia e infraestrutura.

Por fim, discutir as características do BRICS+ é fundamental para identificar oportunidades que o Brasil pode aproveitar no contexto da cooperação Sul-Sul. Ao analisar as dinâmicas políticas, econômicas e institucionais do grupo, é possível compreender os mecanismos de tomada de decisão, os interesses compartilhados entre os membros e as estratégias para fortalecimento do bloco no sistema internacional. Isso possibilita ao Brasil alinhar suas políticas externas de forma mais assertiva, aproveitando o potencial do BRICS+ para promover seu desenvolvimento econômico, ampliar sua influência internacional e consolidar parcerias comerciais duradouras.

2 DESENVOLVIMENTO

O BRICS demonstra um forte interesse em sua expansão e na consolidação de alianças com os países membros de seu bloco. Observa-se que essa iniciativa não apenas fortalece a cooperação entre as nações, mas também traz grandes vantagens para os países envolvidos, promovendo o desenvolvimento sustentável, especialmente em regiões onde a agricultura ainda é a principal fonte de subsistência.

Além disso, o BRICS tem se empenhado em implementar políticas que visam diversificar as economias locais, investindo em infraestrutura, tecnologia e educação, o que contribui para a transição de uma economia predominantemente agrícola para uma mais industrializada e diversificada. Essa abordagem não apenas melhora a qualidade de vida das populações locais, mas também assegura que as alianças permaneçam robustas e eficazes dentro do bloco.

Ao priorizar a colaboração interna e o fortalecimento das relações comerciais entre os membros, o BRICS se posiciona como um ator chave no cenário global, capaz de influenciar tendências econômicas e sociais e promover um desenvolvimento mais equitativo entre seus países.

2.1 Definindo BRICS+ e as características desse bloco econômico

O grupo formado por Brasil, Rússia, Índia e China foi criado em meados de 2001 com o objetivo de promover um desenvolvimento econômico significativo nas próximas décadas. Em 2010, a África do Sul se juntou ao grupo, adicionando mais uma letra ao nome do conjunto, que passou a ser conhecido como BRICS. Essa expansão refletiu a intenção de incluir outras economias emergentes e fortalecer a cooperação entre os países em desenvolvimento.

Conforme mencionado por Utkin (2024, p. 64),

o BRICS é visto como um garantidor fundamental dos princípios legais nas relações internacionais e da justiça na ordem mundial. Os países que compõem o bloco são considerados os principais motores do crescimento global, funcionando como centros independentes de atração civilizacional, cada um com suas próprias histórias e culturas ricas.

Essa diversidade fortalece a posição do BRICS no cenário internacional, promovendo um modelo alternativo à hegemonia ocidental e destacando a importância da cooperação entre nações com diferentes contextos e experiências.

Druhalóczy (2024, p. 4) destaca que “o foco inicial do grupo era realmente o desenvolvimento econômico, uma necessidade que se intensificou após a crise econômica e financeira de 2008. Esse evento evidenciou a importância do BRICS+ na governança global, pois o grupo tornou-se uma plataforma crucial para discutir e coordenar respostas coletivas à crise”. Representando uma parte significativa da população e da economia mundial, os BRICS promoveram diálogos sobre reformas nas instituições financeiras internacionais e defenderam alternativas ao modelo econômico ocidental. Assim, a plataforma do BRICS+ não apenas ajudou a enfrentar as consequências da crise, mas também continua a ser um ator importante na busca por uma governança global mais equitativa e representativa.

O fortalecimento do BRICS+ como um bloco de economias emergentes representa uma resposta significativa a essa crise, onde países que antes eram considerados periféricos começaram a se unir em torno de objetivos comuns. Essa união não apenas busca promover o crescimento econômico, mas também visa diversificar as vozes e influências no sistema internacional, promovendo um mundo mais equilibrado e justo.

Druhalóczy (2024, p. 4) também diz que

os Estados-membros não queriam interferir nos assuntos internos uns dos outros, então, em teoria, tornou-se possível apoiar o desenvolvimento dos países e, ao mesmo tempo, preservar sua soberania. Por isso, alguns dizem que o BRICS tem algumas características do internacionalismo conservador: considera o internacionalismo importante, mas também enfatiza a soberania.

Essa tensão entre cooperação e soberania é fundamental para entender como o BRICS busca equilibrar interesses coletivos e individuais em um mundo cada vez mais interconectado.

Stuenkel (2017), afirma que

a relevância dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) na economia global, evidencia que esses países representam 43,3% da população mundial e um quarto do território da Terra. Além disso, eles foram responsáveis por 27,8% do crescimento do PIB mundial em termos nominais e 36,6% em Paridade de Poder de Compra (PPC) na primeira década do século XXI.

Tal ascensão dos BRICS indica uma mudança nas dinâmicas de poder econômico, sugerindo uma transição para uma ordem multipolar, onde nações emergentes desempenham papéis cada vez mais significativos.

Hoje, os membros do BRICS são os países em desenvolvimento mais rápido, tendo não apenas uma posição geográfica e econômica vantajosa, mas também atores estatais influentes na política mundial, representando as maiores áreas civilizacionais (Gavrilenko, 2024, p. 13).

Observadores internacionais destacam que os atuais membros do BRICS se consolidam como potências emergentes, combinando crescimento acelerado, relevância geopolítica e diversidade cultural, o que os torna representativos de distintas civilizações e fundamentais na redefinição da ordem mundial.

Segundo o site oficial do BRICS+ (2025),

recentemente, em 2024, o agrupamento passou a contar com mais seis novos membros: Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Indonésia e Irã. A Declaração de Joanesburgo, de agosto de 2023, foi fundamental para essa nova fase do BRICS, evidenciando a busca por uma maior colaboração entre essas nações e destacando a importância do bloco no cenário internacional.

Gavrilenko (2024), cita que “o BRICS está em crescimento tanto quantitativo quanto qualitativo. Embora tenha sido predominantemente uma estrutura econômica até o momento, a China agora propõe fortalecer a cooperação política entre os membros do bloco”. Essa evolução sugere uma ampliação do escopo de atuação do BRICS, buscando não apenas a colaboração econômica, mas também um maior envolvimento nas questões políticas globais, refletindo a busca por uma influência mais significativa no cenário internacional.

2.1.1 Cooperação (Integração social, cultural e científica) entre os países membros do BRICS+

Os países do BRICS+ apresentam um imenso potencial a ser agregado por meio dessa formação, especialmente com a ascensão da China como uma potência global. No decorrer de estudos, ficou evidente que, além da expectativa em relação ao desenvolvimento tecnológico, os membros do bloco estão se consolidando como peças fundamentais para o fortalecimento da formação.

Gavrilenko (2024, p. 13) observa que,

além da vasta extensão territorial, o BRICS também se destaca por sua riqueza em recursos naturais, concentrando cerca de 45% das reservas mundiais de

petróleo. Esse dado evidencia a influência energética do bloco e reforça seu papel como ator chave nas dinâmicas geopolíticas e econômicas globais.

Tal prática não apenas impulsiona a cooperação entre as nações, mas também proporciona ao bloco uma troca de conhecimentos e inovações, permitindo que cada país contribua de maneira única para a construção de um futuro mais robusto e influente no cenário mundial.

Gavrilenko (2024, p. 14), comenta que

em outubro de 2023, a iniciativa da Rússia de criar uma comissão permanente sobre logística de transporte no âmbito do BRICS demonstra o esforço do bloco em fortalecer sua integração e desenvolver corredores internacionais que ampliem sua conectividade e influência econômica em escala global. A maneira como a Rússia tem lidado com a logística de transporte é realmente impressionante e mostra uma estratégia brilhante.

Ao focar em otimizar suas rotas e melhorar a infraestrutura, a Rússia não só agiliza o comércio com os países do BRICS+, mas também cria laços mais fortes entre eles. Com uma logística bem estruturada, fica muito mais fácil para as nações se conectarem e colaborarem. E quando falamos de infraestrutura, como ferrovias e portos, isso se torna ainda mais evidente. A Rússia está se posicionando como um ponto central nesse grande quebra-cabeça econômico, o que é uma grande vantagem para todos os envolvidos.

Gavrilenko (2024, p. 14), ressalta que “contrariando as previsões pessimistas, os países do BRICS+ consolidaram sua relevância global ao posicionarem, conjuntamente, suas economias entre as cinco maiores do mundo — um sinal claro de sua crescente influência no cenário econômico internacional”. Apesar de alguns atritos e divergências entre os países que compõem o BRICS+, o bloco tem apresentado um crescimento significativo no âmbito institucional. Nos últimos anos, seus membros têm fortalecido a cooperação em áreas estratégicas como economia, comércio, infraestrutura, ciência e tecnologia.

Criada em 2015, a BRICS-NU reúne instituições de educação superior dos países que compõem o agrupamento e tem o objetivo de fomentar pesquisas conjuntas, mobilidade acadêmica e programas educacionais inovadores em áreas temáticas de interesse comum. Participavam da composição original instituições oriundas de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Desde o ano passado, tornaram-se aptas a integrar a rede instituições do Egito, Irã e Emirados Árabes Unidos. Indonésia e Etiópia devem aderir ainda neste ano (BRICS Brasil, 2025, sem paginação).

O BRICS-NU (BRICS Network University) tem como intuito explorar os potenciais da educação e da tecnologia por meio da integração universitária entre os países membros do bloco. A iniciativa busca promover a cooperação acadêmica, o intercâmbio de estudantes e pesquisadores, o desenvolvimento de projetos conjuntos e a formação de redes de pesquisa em áreas estratégicas, contribuindo para o fortalecimento da educação superior e da inovação científica e tecnológica nos países envolvidos.

Além disso, o BRICS+ tem buscado ampliar sua influência no cenário internacional por meio da criação de instituições próprias, como o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), e da promoção de uma governança global mais equilibrada e multipolar. Esse avanço institucional demonstra a capacidade do grupo de superar desafios internos em prol de objetivos comuns. Assim, o BRICS+ se torna um exemplo claro de como a união e a colaboração podem gerar resultados significativos em um mundo cada vez mais interconectado.

2.1.2 Expectativas e reações dos demais países ao BRICS+

Após longos anos de imperialismo por parte do Ocidente, observa-se que o BRICS está emergindo como um desafio significativo, gerando preocupações no seio do grupo G20. Como afirma Utkin, “não importa o que digam, o BRICS é um sério desafio para o Ocidente” (Utkin, 2024, p. 71). Essa união entre os países do bloco tem o potencial de desestabilizar a hegemonia ocidental, especialmente nas áreas de comércio, finanças e geopolítica. Essa nova dinâmica não é apenas uma resposta às desigualdades históricas, mas também reflete um cenário global em transformação, onde novas potências estão se afirmando e desafiando as estruturas tradicionais de poder. O fortalecimento do BRICS+ indica que estamos diante de um momento crucial na história contemporânea, onde a colaboração entre nações emergentes pode redefinir as regras do jogo no sistema internacional.

Com a crescente ênfase na troca de suas moedas, o bloco tem atraído a atenção de diversos países que buscam alternativas para se posicionar de maneira mais competitiva no mercado global, especialmente diante da supervalorização das moedas ocidentais. Segundo Utkin (2024, p. 71), “a partir de 1º de janeiro de 2024, a associação passa a contar com Egito, Irã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Etiópia, e a expansão deve prosseguir. Durante a cúpula na África do Sul, foram aprovados os critérios para a admissão de novos membros, com mais de 16 países de todos os continentes em processo de consideração para adesão”. Esse movimento não apenas reflete uma busca por maior autonomia econômica, mas também sinaliza uma vontade coletiva de diversificar as relações comerciais e financeiras. O interesse crescente de nações em ingressar no BRICS+ pode ser visto como uma resposta estratégica às limitações impostas pelo sistema financeiro internacional tradicional, que muitas vezes favorece as economias mais desenvolvidas.

Ademais, a proposta de utilizar moedas locais nas transações comerciais entre os membros do BRICS+ pode facilitar o comércio e reduzir a dependência em relação ao dólar americano, promovendo assim uma maior estabilidade econômica para os países envolvidos. Essa nova dinâmica pode resultar em um realinhamento das relações comerciais globais, onde o BRICS se posiciona não apenas como um bloco emergente, mas como um verdadeiro protagonista na redefinição da ordem econômica mundial.

Com base nisso, Utkin (2024) também afirma que “a adesão do Egito ao BRICS trouxe novas perspectivas para o país, fortalecendo sua influência nas questões políticas e econômicas globais”. Além disso, a criação de mecanismos de pagamento alternativos representa uma tentativa de reduzir a dependência do dólar, refletindo uma busca por maior autonomia financeira e diversificação nas relações comerciais. “Vale ressaltar aqui que o Egito já é acionista do Novo Banco de Desenvolvimento, acionista da estrutura do BRICS, na qual entrou com o apoio da Federação Russa” (Utkin, 2024, p.67). Isso demonstra a expansão do bloco e o fortalecimento de alianças entre economias emergentes, reduzindo a dependência de instituições financeiras ocidentais.

Utkin (2024), revela que “a Turquia, sendo um membro da OTAN, tem mostrado um considerável interesse em se integrar ao BRICS, indicando uma possível ampliação de suas alianças estratégicas”. Essa realidade evidencia, cada vez mais, o crescente poder do BRICS no cenário global.

“Dando continuidade ao tema da possível expansão do BRICS, é oportuno destacar a dinâmica segundo a qual a Bolívia enviou à Rússia uma nota expressando seu desejo de ingressar no BRICS” (Utkin, 2024, p. 68). Essa iniciativa ressalta não apenas o interesse crescente de países em desenvolvimento em se unir ao bloco, mas também a importância da colaboração entre nações emergentes. A união desses países fortalece suas economias individuais e lhes confere uma voz mais significativa nas decisões internacionais. À medida que o BRICS+ avança em sua agenda de cooperação, questões cruciais como a promoção do comércio entre os membros, a utilização de moedas locais e o investimento em infraestrutura comum se tornam centrais para consolidar essa aliança. Assim, a adesão da Bolívia pode ser

vista como um passo estratégico para intensificar o papel do BRICS+ no cenário global, reforçando ainda mais sua influência e capacidade de moldar políticas que atendam às necessidades das nações em desenvolvimento.

Além disso, a capacidade do BRICS+ de reunir economias emergentes e em desenvolvimento cria um contrapeso às potências ocidentais, desafiando as narrativas tradicionais sobre o crescimento econômico e a governança global. Com um enfoque em um desenvolvimento mais inclusivo e sustentável, o BRICS+ está se posicionando como uma alternativa viável para países que buscam diversificar suas parcerias e escapar das amarras de sistemas financeiros dominados pelo Ocidente.

Portanto, a ascensão do BRICS+ não é apenas uma questão de crescimento econômico; é um movimento estratégico que promete remodelar as relações internacionais e trazer novas perspectivas sobre governança global.

À medida que mais países se mostram interessados em integrar esse bloco, é provável que o BRICS+ continue a expandir sua influência e a desafiar as estruturas tradicionais dominadas pelo Ocidente, criando um novo cenário de cooperação internacional.

2.2 Materiais e Métodos

A metodologia de pesquisa adotada será de natureza qualitativa, com foco exclusivo em estudos bibliográficos. Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura sobre o BRICS+, abordando sua origem, estrutura, acordos econômicos internos e externos, políticas comerciais conjuntas, além de estudos sobre seu desempenho e influência nos fluxos comerciais globais, e, principalmente, buscou-se compreender sobre suas estratégias. Para isso, foram utilizados artigos acadêmicos, livros especializados, relatórios econômicos e documentos oficiais disponíveis em fontes confiáveis e bases de dados acadêmicas.

As informações coletadas foram organizadas e analisadas criticamente, com o intuito de compreender como o BRICS+ tem atuado como um agente de transformação no comércio internacional, desafiando hegemonias tradicionais e promovendo alternativas para a economia global. A análise bibliográfica também permitiu identificar diferentes perspectivas sobre o papel econômico do bloco, ora colocando sob uma perspectiva de ampliação de oportunidades e busca por equilíbrio de poder mundial, ora apenas buscando indicar ser um movimento natural de busca de ampliação de oportunidades de acesso a mercados e recursos.

Os resultados esperados incluem uma compreensão aprofundada sobre o impacto econômico do BRICS no comércio global, evidenciando suas potencialidades, limitações e os caminhos possíveis para sua consolidação como força econômica emergente.

2.3 Resultados e discussões

Em relação ao tratamento identificado na literatura, dispensado sobre o bloco econômico BRICS +, a cooperação ocorre de diferentes maneiras e envolve diferentes áreas. Entre as áreas, destaca-se como mais comum a comercial, em que produtos e serviços são comercializados de acordo com a demanda dos países envolvidos. Segundo o site oficial do BRICS Brasil (2025), “nos dias 9 e 10 de junho houve a 11ª Cúpula de Juventude do BRICS. Durante dois dias de debates no BRICS Brasil e no Palácio Itamaraty, foi assinado o ‘Memorando de Entendimento sobre Cooperação em Assuntos da Juventude’, visando a integração das juventudes do Sul Global. O documento foca em áreas como promoção da ação climática, cooperação humanitária e criação de uma rede de políticas de juventude entre os países do BRICS. Além disso, prevê a formação de um grupo de trabalho para desenvolver indicadores mensuráveis que avaliem o impacto dos objetivos do Memorando”. Nota-se que as estratégias ainda são tímidas com relação ao tamanho e potência desse bloco econômico,

levando a considerar que se mantiver o ritmo de crescimento econômico e cada vez mais estabelecer vínculos, poderá, de maneira estratégica, firmar mais acordos e estreitar as cooperações sustentáveis, na medida que o volume de recursos e população no bloco são relevantes.

Na área científica, também foi possível perceber na literatura que, países como a Rússia, China e Índia, despontam como vanguardistas no desenvolvimento científico, acelerando resultados em várias áreas. Aqui, a ciência é basilar e responsável por entregar novas perspectivas para a esfera militar, como no caso da Rússia e da China e, na esfera da computação, como no caso da China e Índia. Mas, outros países como África do Sul e Brasil, encontram-se com atraso significativo no investimento destinado à ciência, tecnologia e inovação.

“Mas, considerando que há importantes vantagens por estarem dentro do bloco, infere-se que terão a oportunidade de cooperar e acelerar o desenvolvimento, uma vez que as trocas de conhecimento podem ser alvo de acordos entre universidades e institutos de pesquisa e inovação. Esse processo já pode ser visualizado por intermédio de estratégia de aproximação entre as universidades, como se percebe na iniciativa BRICS-NU” (BRICS Brasil, 2025).

Outro ponto estratégico destacado na literatura, considerado essencial e que chamou a atenção do mundo se encontra na esfera financeira do bloco, mais precisamente quanto à criação de um banco para financiar os projetos desenvolvidos no âmbito dos interesses BRICS+. Se o Fundo Monetário Internacional é relevante para as políticas, atuação e manutenção de poder de países ocidentais, obviamente restrições poderiam e, de maneira esperada, seriam lançadas contra o BRICS+. Assim, visando garantir que os projetos de interesse do bloco pudessem receber financiamento, os países do bloco criaram estrategicamente o Banco de Desenvolvimento do BRICS+.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo, entende-se que, apesar dos significativos avanços alcançados, os países do BRICS+ ainda têm um longo caminho a percorrer em termos de estabelecimento de parcerias. O bloco, que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, entre outros países, apresenta um potencial considerável para o desenvolvimento econômico e social. Entretanto, nota-se um grande interesse por parte de países desenvolvidos em estabelecer relações com nações em desenvolvimento dentro do bloco. Essa dinâmica pode ser extremamente benéfica, pois a troca de conhecimento e tecnologias avançadas não apenas impulsiona o crescimento econômico, mas também favorece a inovação e a capacitação local. Assim, uma pesquisa mais aprofundada sobre as universidades e centros de pesquisa desses países se torna crucial para entender como essas instituições podem contribuir para o fortalecimento do BRICS+ e como podem ser catalisadoras de mudanças sociais, econômicas, estratégicas, bélicas e científicas.

Outra conclusão da pesquisa é que o bloco está ativamente buscando lacunas que historicamente não foram exploradas pelo ocidente. Essa nova abordagem abre portas para que países subdesenvolvidos se unam ao grupo com o intuito de se destacar no cenário global. O BRICS+ não é apenas uma aliança econômica; é também uma plataforma que permite a esses países reivindicar um lugar mais proeminente nas discussões internacionais sobre comércio, meio ambiente e desenvolvimento sustentável. A cooperação entre os membros do bloco pode criar oportunidades únicas para a troca de experiências e práticas bem-sucedidas, promovendo um crescimento inclusivo que beneficia não apenas os países envolvidos, mas também o equilíbrio geopolítico mundial.

Percebe-se que, atualmente, o BRICS+ vem tomando medidas mais assertivas e se movimentando de forma muito mais dinâmica em comparação aos anos iniciais de sua criação. Essa evolução reflete uma compreensão crescente das necessidades globais contemporâneas e das demandas dos seus membros. À medida que novos desafios emergem no cenário internacional — como mudanças climáticas, crises econômicas e desigualdade social — novas atualizações nas políticas do bloco são inevitáveis. Isso pode gerar novas interrogativas sobre seu desenvolvimento futuro e sobre como o BRICS+ pode se adaptar às mudanças rápidas do mundo atual. A capacidade de inovar e se reinventar será fundamental para garantir que o bloco continue sendo uma força relevante na arena global.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS DE MORAES, Francieli. Em uma das maiores reuniões do ano, juventude do BRICS avança em temas de cooperação. BRICS Brasil, 11 jun. 2025. Disponível em: <<https://brics.br/pt-br/noticias/em-uma-das-maiores-reunioes-do-ano-juventude-do-brics-avanca-em-temas-de-cooperacao>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

D'AURIA, Maiva. BRICS assinam declaração conjunta com foco em inteligência artificial na educação e formalizam aliança de cooperação técnica e profissional. BRICS Brasil, 5 jun. 2025. Disponível em: <<https://brics.br/pt-br/noticias/brics-assinam-declaracao-conjunta-com-foco-em-inteligencia-artificial-na-educacao-e-formalizam-alianca-de-cooperacao-tecnica-e-profissional>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

DRUHALÓCZKI, E. D. O papel e o impacto dos BRICS no sistema internacional. *Külügyi Szemle*, dezembro de 2024, v. 23, n. 4, p. 49-67. Disponível em: <https://doi.org/10.47707/Kulugyi_Szemle.2024.4.3>. Acesso em: 03 maio 2025.

GAVRILENKO, V.; SHENSHIN, V. BRICS Expansion: A Geopolitical Triumph of Partner Countries. *BRICS Law Journal*, 2024, v. 11, n. 3, p. 9-53. Disponível em: <<https://doi.org/10.21684/2412-2343-2024-11-3-9-53>>. Acesso em: 03 maio 2025.

IORDANOVA, Veronika Grigorievna; SHAPOR, Maria Alexandrovna; et al. Tendências modernas e características de desenvolvimento do grupo de países BRICS como uma associação de integração regional. Moscou: Academia Presencial Russa de Economia Nacional e Administração Pública, 2023.

STUENKEL, Oliver. BRICS e o futuro da ordem global. São Paulo: Paz e Terra, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=m2EqDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1886&dq=alcance+e+os+efeitos+globais+do+BRICS&ots=yWNTLbuQA&sig=5HJCOffpOG6DQRRRT5EjSUjam3hA&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 21 abr. 2025.

THE WORLD BANK. In 2017, services were the main driver of economic growth in BRICS. 22 fev. 2019. Disponível em: <<https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/stories/services-drive-economic-growth.html>>. Acesso em: 31 mar. 2025.

UTKIN, Nikolai I.; SHENSHIN, Victor M. Sobre a expansão dos BRICS e suas implicações para estabelecimento de um mundo multipolar. *Direito. Segurança. Emergências*, n.v. 1, n.º 62, p. 61-73, 2024.